

**A ASSOCIAÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS E O
DESENVOLVIMENTO DA SÍNDROME DE BURNOUT EM PERÍODOS DE
PANDEMIA DO COVID-19.**

Juliana Carvalho de Sousa

juli.cs1009@gmail.com

Doutoranda em Administração – Universidade Potiguar

Aline Francilurdes Nery do Vale

alinefrancilurdes@hotmail.com

Mestranda em Administração – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Joyce Silva Soares de Lima

joycessdl@hotmail.com

Pós-graduanda em Gestão de Pessoas – Faculdade Venda Nova do Imigrante

Andressa Paiva Porto

andressapaiva_@hotmail.com

Pós-graduada em Terapia Cognitivo-Comportamental – Faculdade Diocesana de Mossoró

Agostinha Mafalda Barra de Oliveira

agostinhamafalda@ufersa.edu.br

Doutora em Psicologia Social e Antropologia das Organizações - Universidade Federal Rural do Semi-Árido

RESUMO

O objetivo desse artigo consiste em analisar a predisposição à ocorrência da síndrome de burnout e a associação dos fatores sócio demográficos no período de home office durante o recorte temporal da pandemia da covid-19. A metodologia do trabalho consiste em descritiva e de natureza quantitativa, do tipo *survey*, a amostra foi de 319 indivíduos que estão trabalhando em home office durante a quarentena do Covid-19. A pesquisa se deu através do Google Docs. Para análise de dados, utilizou-se o software SPSS® e as análises estatísticas do teste U de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis. Acerca dos resultados, tem-se que os indivíduos solteiros, jovens e que possuem apenas nível fundamental e médio possuem maiores chances de desenvolver a despersonalização e a baixa realização profissional. Quanto a variável sexo, o destaque foi dado para o sexo masculino, possuindo maior predisposição para desenvolver a despersonalização. Por fim, quanto a variável que se refere ao período que o indivíduo se encontra em home office, há maior disposição de desenvolverem exaustão emocional e despersonalização, aqueles que estão no primeiro mês em regime de teletrabalho. Em conclusão, tem-se que as variáveis sócio demográficas influenciam no desenvolvimento a síndrome de burnout.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome de Burnout. Variáveis Sócio demográficas. Home Office. Covid-19

1 INTRODUÇÃO

A síndrome de burnout ou síndrome do esgotamento profissional como é comumente conhecida, pode ser definida como uma doença psicológica que surge como resposta a estressores interpessoais crônicos, presentes no contexto de trabalho. Geralmente se inicia com episódios de estresses recorrentes, que se tornam cada vez maiores até que a pessoa se sinta esgotada. Os sintomas incluem exaustão emocional, psicológica e física causada pela exposição prolongada ao estresse ocupacional, incluindo sentimentos negativos em relação ao trabalho e dificuldade de exercer suas atividades laborais (MASLACH; JACKSON, 1981).

Se comprovadamente, a Síndrome de Burnout encontrava-se presente no ambiente de trabalho de diferentes profissionais das mais diversas áreas de atuação (SUÑER-SOLER et al., 2014; LIMA et al., 2018; SAEIDI; IZANLOO; IZALOU, 2020), hoje, ela avança em passos largos juntamente com a pandemia da Covid-19, doença que surgiu em Wubei na China e rapidamente espalhou-se pelo mundo, obrigando milhões de pessoas a trabalharem em casa para cumprirem isolamento social e quarentena; medidas estas que foram recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), com vistas a evitar aglomerações e diminuir as chances de contágio, além de contribuir para que a economia não entre em colapso.

No entanto, uma das principais preocupações dos especialistas é a saúde mental dos trabalhadores devido ao isolamento social. Isso porque, durante episódios de epidemias, o número de pessoas cuja doença mental a saúde é afetada tende a ser maior que o número de pessoas afetadas propriamente pela infecção. Isso é possível porque quando o medo é crônico ou faz o perigo parecer maior do que de fato é, torna-se nocivo e pode ser o gatilho para o desenvolvimento de problemas de saúde mental. Ele aumenta os níveis de ansiedade e estresse em pessoas saudáveis e intensifica os sintomas das que têm transtornos psiquiátricos pré-existent (ORNEL et al., 2020).

No contexto laboral, o estresse é um dos grandes problemas psicossociais que afeta a qualidade de vida das pessoas, além de ser bastante dispendioso para as organizações em termos de rotatividade pessoal, absenteísmo e baixa produtividade (OLIVEIRA et al., 2017). Os trabalhadores que não se adaptam às situações de estresse elevado e contínuo, reagindo de maneira negativa às mudanças no ambiente de trabalho, desencadeiam sentimentos de esgotamento emocional e se tornam predispostos ao desenvolvimento da Síndrome de Burnout (SHAHSAVARANI; ABADI; KALLHORAN, 2015).

Diante do exposto, acredita-se que o home office pode influenciar o desenvolvimento da Síndrome de burnout, especificamente ao considerar que o trabalhador tende a ficar mais suscetível à doença neste cenário de pandemia mundial (ORNEL et al., 2020; ROY et al., 2020; LU et al., 2020; RANA; MUKHTAR; MUKHTAR, 2020). Em vistas disto, este artigo pretende em analisar a predisposição à ocorrência da síndrome de burnout e a associação dos fatores sócio demográficos no período de home office durante o recorte temporal da pandemia da covid-19.

Ressalva-se que, embora existam alguns estudos na literatura sobre síndrome de burnout (LIMA et al., 2018; SAEIDI; IZANLOO; IZALOU, 2020; HUARCAYA-VICTORIA; CALLE-GONZÁLES, 2020), foi verificado que há uma carência por estudos correlacionando síndrome de burnout e home office e nenhum estudo sobre ambas temáticas durante o surto do novo coronavírus. Diante da constatação deste gap de pesquisa, resultante das medidas relacionadas ao distanciamento social devido à pandemia da Covid-19, indaga-se: qual a

relação entre síndrome de burnout e as variáveis sócio demográficas no período de home office durante o recorte temporal da pandemia da covid-19?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SÍNDROME DE BURNOUT

A palavra *burnout* foi utilizada pela primeira vez em 1953 pelos psiquiatras Schwartz e Will e depois na década de 1970 pelo médico e psicanalista Herbert Freudenberger ao tratar seus pacientes; essa síndrome também é conhecida como “esgotamento” e é utilizada para explicar o sofrimento dos homens no local de trabalho (SOARES et al., 2019). Freudenberger descreveu o *burnout* como uma sensação de fracasso e uma existência desgastada resultante de uma sobrecarga por demandas de energia e recursos pessoais ou forças espirituais do trabalhador (MIRANDA, 2019).

Segundo os autores Salgado-Roa e Lería-Dulčić (2020) a Síndrome de Burnout (SB) pode ser entendida como uma manifestação de um estresse crônico consequente do trabalho. Os sintomas podem ser evidenciados pelo cansaço físico e emocional, irritabilidade e depressão, causando baixo desempenho no trabalho devido atitudes negativas para o trabalho.

Palacios-Nava e Paz Román (2019) afirmam que fatores relacionados às más condições laborais derivados das atuais transformações no contexto do trabalho, como a responsabilidade excessiva, precarização no ambiente laboral, sobrecarga de trabalho e as crescentes exigências dos trabalhadores são considerados fatores estressores que levam o indivíduo ao acometimento da síndrome.

Essa síndrome psicossocial e seus efeitos e consequências podem evoluir para duas situações principais: mental, causando baixa autoestima, exaustão, ansiedade e falta de concentração; e comportamental, provocando um consumo exagerado de cafeína, tranquilizantes e medicamentos (ALVES et al., 2019).

A SB não está associada apenas com a saúde mental dos indivíduos, mas também com seu nível de bem-estar. Os autores acreditam que o *burnout* pode afetar os indivíduos em vários empregos e existem evidências crescentes de que essa síndrome representa uma grande ameaça para indivíduos com diferentes ocupações (SAEIDI; IZANLOO; IZANLOU, 2020).

A Organização Mundial da Saúde em 2020 considera a SB como um agente de risco ocupacional significativo, tendo em vista o seu grande impacto na saúde mental dos trabalhadores (CHACALTANA LINARES; ROJAS CAMA, 2019). Essa organização conceitua o *burnout* como um estado de exaustão vital e está presente no Código Internacional de Doenças (CID-10, Z73.0) (GIL-MONTE; CARLOTTO; CÂMARA, 2011).

A SB tem sido apresentada como uma importante questão epidemiológica e de saúde pública, porém, no campo da administração pública ainda há falta de pesquisas sobre estresse ocupacional no Brasil e *burnout*. Embora as leis considerem o *burnout* desde 1999 como um distúrbio mental e comportamental relacionado ao trabalho (através do decreto 3048/99) e sua caracterização seja descrita no manual do Ministério da Saúde, o conhecimento sobre essa síndrome, quanto aos trabalhadores e à especialização médica, permanece limitado (CARLOTTO; CÂMARA, 2019).

Embora existam diversos modelos desenvolvidos para a SB, o modelo mais utilizado é o desenvolvido por Maslach, Schaufeli e Leiter (2001), no qual afirmam que essa síndrome é

decorrente da presença de três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional.

A exaustão emocional é a manifestação mais perceptível da síndrome. O indivíduo experimenta um sentimento de esgotamento emocional e cognitivo do seu trabalho. Esta dimensão é definida como um cansaço ocasionado pelo esforço psicológico que é feito no trabalho. A despersonalização está associada a uma tentativa de distanciamento das outras pessoas, quando o indivíduo começa a evitar o envolvimento com as pessoas, tratando-as com cinismo, indiferença e ironia. Por fim, a baixa realização profissional refere-se à auto avaliação negativa do profissional quanto ao seu trabalho, ou seja, o indivíduo se torna infeliz consigo e com o trabalho que executa (ALVES et al., 2019; AMOR; BAÑOS; SENTÍ, 2020; MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001; SPONTÓN et al., 2019). Portanto, existem diferentes formas do *burnout* ser manifestado, considerando que um indivíduo pode apresentar todas, duas ou apenas uma das dimensões citadas anteriormente (SHOSHAN; SONNENTAG, 2020).

Além disso, destaca-se que a síndrome de burnout pode ser ocasionada por fatores situacionais e individuais (como por exemplo, personalidade, fatores sociodemográficos, dentre outros) (MASLACH; LEITER, 2016). Dentro desse contexto, tem-se o método de trabalho Home Office, sendo encarado como um possível fator causal que poderá induzir o desenvolvimento desta síndrome.

2.2 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Por ser uma condição que sofre influência de características individuais e situacionais faz-se necessário considerar tais fatores no desenvolvimento da síndrome de burnout (LIMA; FARAH; BUSTAMANTE-TEIXEIRA, 2018). Em relação à prevalência da SB conforme o gênero alguns estudos apontam que não há diferença significativa quanto a uma maior prevalência em homens ou mulheres (AMOR; BAÑOS; SENTÍ, 2020; LIMA; FARAH; BUSTAMANTE-TEIXEIRA, 2018; SILVA et al, 2018). Porém, verifica-se uma maior incidência da dimensão despersonalização em pessoas do sexo masculino (CHAVE; HELAL; PAIVA, 2019; NAVARRO-GONZÁLEZ; AYECHU-DÍAZ; HUARTE-LABIANO, 2015).

No que tange a relação entre nível de escolaridade e SB não há um consenso na literatura. Algumas pesquisas indicam que não há diferenças significativas no desenvolvimento do burnout conforme o nível de estudo (VAZQUEZ et al, 2019; GONÇALES; GONÇALES, 2017). Porém, outros estudos (YEKTATALAB; HONARMANDNEJAD; JANGHORBAN, 2019; DE SOUZA PEREIRA et al, 2018) apresentam dados correlacionando maior nível de escolaridade com maior motivação e realização profissional e consequentemente menor incidência da SB.

Em relação à faixa etária verifica-se que pessoas com idade abaixo de 30 anos tem baixa realização profissionais e alta exaustão emocional, ou seja, quanto maior a idade maior a realização profissional da pessoa e menor a incidência da SB, esse fato pode está associado a maior experiência no trabalho e consequentemente redução na insegurança e maior controle na tomada de decisões relativas ao cargo exercido por reduzir o estresse (YEKTATALAB; HONARMANDNEJAD; JANGHORBAN, 2019; SILVA et al, 2018).

Quanto ao estado civil, pesquisas apontam que pessoas solteiras são mais suscetíveis a SB, podendo esse fato está associado a uma maior maturidade emocional e a rede de apoio

obtida através do (a) companheiro (a) (CAHUA et al, 2019; LIMA; FARAH; BUSTAMANTE-TEIXEIRA, 2018; OLIVEIRA et al, 2017).

É necessário considerar também fatores relativos ao contexto do trabalho, cargo exercido, carga horária, entre outros. Dentro esses diferentes contextos e tipos de trabalho pode-se citar o home office que embora já fosse muito utilizado ganhou maior proporção após a pandemia do COVID-19 (MORGENSTERN; SANTOS, 2016; AVENI, 2020).

Pesquisas recentes acerca da prática do home office tem indicado que essa modalidade pode vir a interferir na qualidade de vida e bem estar dos indivíduos, sendo os profissionais com menor qualificação e menos afinidade com as tecnologias os mais afetados (KOLLMANN; STÖCKMANN; KENSBOCK, 2020; KRAMER; KRAMER, 2020).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base no objetivo proposto, esta pesquisa se caracteriza como descritiva e de natureza quantitativa, do tipo *survey* (MATHERS; FOX; HUNN, 2009). A pesquisa quantitativa utiliza a quantificação tanto na coleta de dados, quanto no tratamento das informações colhidas, por meio de técnicas estatísticas (RICHARDSON, 1989). Já a pesquisa descritiva busca descrever as características de um determinado fenômeno (VERGARA, 1990).

O universo de pesquisa consiste nos trabalhadores que durante a quarentena decorrente da pandemia da covid-19 começaram a exercer suas atividades em home office ou trabalharam por algum período de tempo nesse regime de trabalho. Deste modo, a amostra se configura como não probabilística, pois os respondentes foram abordados de acordo com a conveniência (SAMPLERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

Para fins de coleta de dados, utilizou-se a escala *Maslach Burnout Inventory Educators Survey* (MBI-ED), desenvolvida por Maslach e Jackson (1978) e validada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Síndrome de Burnout (NEPASB), da Universidade de Maringá, no Brasil. Essa escala apresenta três dimensões: exaustão emocional, contendo nove itens; despersonalização, apresentando cinco itens; e baixa realização profissional com oito itens.

A coleta de dados ocorreu de modo virtual, por meio do Google Docs, e a distribuição dos questionários se deu através das redes sociais *Whatsapp*, *telegram* e *linkedin*. O período de coleta teve duração de 14 dias, durante o mês de maio. Ao final, obteve-se um total de 319 respostas.

Posteriormente, os dados foram analisados por meio do software SPSS®, Versão 20 para Windows®, utilizando o teste U de Mann-Whitney (HAIR JR. et al., 2014) e o teste Kruskal-Wallis (SIEGEL; CASTELLAN JR., 1988).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

No que diz respeito aos respondentes, estes foram classificados com base em suas características sócio demográficas. A partir de então, tem-se que 89,7% dos respondentes afirmaram ainda estão em regime home office, enquanto os demais (10,3%) abordam que adotaram essa metodologia por alguns dias/semanas, porém, já voltaram as atividades iniciais.

Em sua maioria, os respondentes afirmaram estar em home office há mais de 6 semanas (36,9%), seguido daqueles que abordaram estar de 5 a 6 semanas (31,4%).

No que tange o sexo, a maioria dos respondentes são mulheres (63,4%), possuem faixa etária entre 26 e 45 anos (62,6%), seguidos daqueles sujeitos que possuem até 25 anos (20,9%). Quanto ao estado civil, o destaque foi para indivíduos casados/união estável (51,6%), seguido dos solteiros (43,2%).

Os respondentes, em sua maioria, são residentes do estado do RN (84,2%), os demais se subdividem em outros estados, como: Ceará, Pernambuco. Paraíba, dentre outros. A escolaridade predominante dos respondentes é pós-graduação (57,1%), seguida daqueles que possuem ensino superior (29,3%). Sobre a renda dos investigados, 45,1% recebem entre 2 e 4 salários mínimos, seguidos dos que recebem mais de 8 salários mínimos (24,9%).

Acerca do vínculo, 45,9% são ligados a iniciativas privadas, seguidos daqueles que são servidores públicos (37,4%). Foi investigado também o tempo de serviço dos respondentes na organização a qual fazem parte, e a maioria respondeu ter mais de 1 ano e menos de 5 anos (33%), seguido daqueles que estão ligados à empresa há mais de 5 anos e menos de 10 anos (25,3%).

4.2 TESTE MANN-WHITNEY E TESTE KRUSKAL-WALLIS

Foi utilizado o teste de U de Mann-Whitney, não paramétrico, a fim de identificar diferenças significativas entre comparações par a par entre grupos (HAIR JR. et al., 2014; GREN; SALDIND; ANKEY, 2000). Vale destacar que esse teste foi utilizado para até dois grupos. Ademais, realizou-se o teste de Kruskal-Wallis, para as alternativas que continham mais de dois agrupamentos (SIEGEL; CASTELLAN JR., 1988).

Além disso, vale destacar que o p-valor deve ser inferior a 0,05. A partir de então, procedeu-se com a análise das seguintes variáveis sócio demográficas: sexo, estado civil, faixa etária, tempo em home office e escolaridade.

No que concerne o sexo, os resultados evidenciaram destaque significativo para a dimensão despersonalização.

Tabela 1: Sexo *versus* SB

	Exaustão	Despersonalização	Baixa_realização
Mann-Whitney U	7644,500	7390,500	8423,000
Wilcoxon W	12694,500	22441,500	13473,000
Z	-1,601	-2,013	-,362
Asymp. Sig. (2-tailed)	,109	,044	,717

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Os resultados evidenciam que o sexo tem efeito sobre a despersonalização ($U = 7390,500$; $P < 0,05$), mas não nas demais dimensões. Desta forma, os dados revelam que os homens têm maior despersonalização ($X = 10,9400$) do que as mulheres ($X = 9,9769$).

No que se refere ao estado civil, utilizando o teste de Kruskal-Wallis, com a seguinte estratificação: 1) solteiros; 2) casados 3) separados e viúvos. Os dados revelam que houve diferença significativa na dimensão despersonalização e baixa realização profissional.

Tabela 2: Estado civil *versus* SB

	Exaustão	Despersonalização	Baixa_realização
Chi-Square	1,800	7,404	9,769
df	2	2	2
Asymp. Sig.	,407	,025	,008

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Acerca disso, tem-se que a despersonalização é maior nos solteiros ($X = 11,2203$), do que nos casados ($9,5957$), divorciados e viúvos ($X = 10,2143$), sendo, portanto, os indivíduos casados os menos propícios a desenvolver a despersonalização. Quanto a baixa realização profissional, os dados revelam novamente que o destaque está nos solteiros ($X = 19,8475$) do que nas demais categorias do estado civil, sendo que a categoria que possui menor índice de propensão é dos separados e viúvos ($X = 16,1429$).

No que diz respeito a faixa etária, a baixa realização foi tida como significativa.

Tabela 3: Faixa etária *versus* SB

	Exaustão	Despersonalização	Baixa_realização
Chi-Square	4,106	4,907	15,510
Df	2	2	2
Asymp. Sig.	,128	,086	,000

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Referente a baixa realização profissional, tem-se os mais jovens (até 25 anos) como agrupamento de destaque ($X = 20,4561$) quando comparada as demais faixas etárias, como: de 26 a 45 ($X = 19,4503$) e mais de 46 ($X = 17,2222$).

Em referência ao período no qual o indivíduo encontra-se em home office, tem-se como destaque significativo as dimensões exaustão emocional ($U = 6774,500$) e despersonalização ($U = 6209,000$).

Tabela 4: Tempo em Home Office *versus* SB

	Exaustão	Despersonalização	Baixa_realização
Mann-Whitney U	6774,500	6209,000	7236,000
Wilcoxon W	24352,500	23787,000	10977,000
Z	-2,091	-3,037	-1,333
Asymp. Sig. (2-tailed)	,036	,002	,183

Fonte: dados da pesquisa (2020).

No primeiro mês de home office, os indivíduos investigados demonstraram ter maiores níveis de exaustão emocional e despersonalização ($X = 25,8256$ e $X = 11,66047$) do que aqueles que estão adotando trabalho remoto há um tempo superior há 30 dias ($X = 23,5329$ e $X = 9,7433$).

No que tange a escolaridade, tem-se:

 Tabela 5: Escolaridade *versus* SB

	Exaustão	Despersonalização	Baixa_realização
Chi-Square	1,634	6,489	6,494
df	2	2	2
Asymp. Sig.	,442	,039	,039

Fonte: dados da pesquisa (2020).

A respeito disso, os indivíduos que possuem apenas nível fundamental e médio possuem maior tendência a desenvolver despersonalização ($X = 11,2432$) e baixa realização profissional ($X = 20,2703$). Ou seja, quanto maior o nível de escolaridade (pós-graduação), menores as chances de o indivíduo desenvolver a SB.

4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A variável sexo apresentou-se como fator contributivo para o aumento de despersonalização. Isso significa que os homens apresentaram maior propensão a desenvolver a síndrome de burnout, corroborando com as pesquisas de Chave, Helal e Paiva (2019), Navarro-González, Ayechu-Díaz e Huarte-Labiano (2015) e Miranda (2019), que afirmam que os homens são mais afetados pela SB. Diferente desses achados, Fernandes, Nitsche e Godoy (2018) e Aguiar, Aguiar e Mercedes (2018) identificaram que o sexo feminino apresenta maior chance de ter a síndrome, quando comparado ao sexo masculino.

No que se refere ao estado civil, os dados revelaram que a despersonalização e a baixa realização profissional são mais evidentes em indivíduos solteiros. Esse achado confirma os estudos de Cahua et al. (2019), Lima, Farah e Bustamante-Teixeira (2018) e Oliveira et al.

(2017). Pantoja (2017) também concorda com os estudos descritos anteriormente ao alegar que os solteiros ou separados apresentam maior prevalência da síndrome. De semelhante modo, Salgado-Roa e Lería-Dulčić (2020) afirmam que indivíduos separados/divorciados apresentam níveis mais altos da síndrome. Tais estudos sugerem que casados ou em união estável podem experimentar sentimentos de responsabilidade na família, além de apoio emocional dos familiares, podendo resultar em uma maior resistência ao *burnout*. Em contraponto aos achados apresentados anteriormente, Aguiar, Aguiar e Mercês (2018) afirmam que ocorre uma maior prevalência da síndrome em indivíduos casados.

A variável faixa etária apresentou-se como fator contributivo para um aumento na baixa realização profissional, indicando que indivíduos mais jovens são mais suscetíveis à síndrome. Esse resultado corrobora com os estudos de Yektatala, Honarmandnejad e Janghorban (2019) e Silva et al. (2018). Em concordância com os estudos citados anteriormente, Nogueira et al. (2018), Fernandes, Nitsche e Godoy (2018), Palacios-Nava e Paz Román (2019) e Porciuncula, Venâncio e Silva (2020) concluíram, com base em seus estudos, que pessoas mais jovens são mais propensas a desenvolver a síndrome, em virtude da inexperiência de trabalho e da não adaptação às condições de trabalho e das organizações.

Por fim, no que diz respeito a variável escolaridade, os resultados evidenciaram destaque significativo para a dimensão despersonalização e baixa realização profissional para os que possuem baixa escolaridade. Esse achado confirma os estudos de Yektatalab, Honarmandnejad e Janghorban (2019) e de Souza Pereira et al. (2018), que afirmam que quanto maior nível de escolaridade, menor incidência da SB, ao passo que os indivíduos possuem maiores conhecimentos e experiências teórico-empíricas. Diferente disso, Vazquez et al. (2019) e Gonçalves e Gonçalves (2017) indicam que não há diferenças significativas no desenvolvimento do burnout conforme o nível de estudo. Já para os autores Sá, Silva e Funchal (2014), profissionais com curso superior completo apresentam maiores índices de despersonalização.

No que se refere a variável de tempo de home office, não foram encontrados estudos associados na literatura, porém, pode-se inferir que aqueles indivíduos que iniciam tal configuração de trabalho, dado o “impacto ao novo” e o processo de adaptabilidade, podem sentir exaustão emocional, à medida que precisam saber administrar a demanda do trabalho com a demanda da família, afazeres pessoais e domésticos.

Quanto a perspectiva da despersonalização, falta de humanidade, o primeiro impacto do distanciamento social poderá gerar tal sentimento, tendo em vista a ausência de convívio grupal e contato presencial. Porém, à medida que tal configuração de trabalho se instala, após o processo de adaptação, poderá haver um processo de reflexão referente aos novos hábitos instalados, ajustando-se à realidade do contato/presença virtual, podendo ativar novamente suas características de servidão e empatia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa atendeu ao objetivo que consiste em analisar a predisposição à ocorrência da síndrome de burnout e a associação dos fatores sócio demográficos no período de home office durante o recorte temporal da pandemia da covid-19.

Os indivíduos solteiros, jovens e que possuem apenas nível fundamental e médio possuem maiores chances de desenvolver a despersonalização e a baixa realização profissional. Quanto a variável sexo, o destaque foi dado para o sexo masculino, possuindo

maior predisposição para desenvolver a despersonalização. Por fim, quanto a variável que se refere ao período que o indivíduo se encontra em home office, há maior disposição de desenvolverem exaustão emocional e despersonalização, aqueles que estão no primeiro mês em regime de teletrabalho.

Quanto a relevância da pesquisa em termos sociais e gerencial, ao considerar que a SB ainda é pouco difundida, tem-se que o conhecimento dela para os indivíduos, trabalhadores de modo geral e gestores, poderá acarretar em possibilidades de prevenção e identificação ao portarem sintomas associados, podendo mitigar as chances de agravamento de casos, e tratamento em estágios iniciais, evitando ainda possíveis causas, e intensificando programas de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT). Quanto a relevância acadêmica, dada a vertente atual, ao considerar a pandemia que se enfrenta, a pesquisa vem a somar com novos conhecimentos, achados em construção.

As limitações da pesquisa se associam ao recorte transversal, tendo em vista que acerca de 84% da amostra concentrou-se em residentes de um único estado nordestino, porém, tal fato não invalida os achados, mas incita sugestões para próximos trabalho, envolvendo a abrangência à nível Brasil, assim como a investigação em uma perspectiva qualitativa quanto a percepções mais profundas da psique destes indivíduos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R.L.B.; AGUIAR, M.C.M.; MERCES, M.C. Síndrome de burnout em estudantes de medicina de Universidade da Bahia. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v.7, n.2, p.267-276, 2018.

ALVES, L. C. S. et al. **Burnout syndrome in informal caregivers of older adults with dementia: A systematic review. Dement Neuropsychol**, v. 13, n. 4, p. 415-421, 2019.

AMOR, E. M.; BAÑOS, J. E.; SENTÍ, M. Prevalencia del síndrome de burnout entre los estudiantes de medicina y su relación con variables demográficas, personales y académicas. **FEM: Revista de la Fundación Educación Médica**, v. 23, n. 1, p. 25-33, 2020.

AVENI, Alessandro. ESTRATÉGIAS PELO TRABALHO NO FUTURO DEVIDOS A PANDEMIA COVID-19. **Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social**, v. 2, n. 3, p. 04-14, 2020

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Burnout Syndrome in Public Servants: Prevalence and association with Occupational Stressors. **Revista Psico-USF**, v. 24, n. 3, p. 425-435, 2019.

CAHUA, Julio Cesar Huamani; GALLEGOS, Walter Lizandro Arias; ALIAGA, José Luis Evangelista; LÓPEZ, José Manuel Calizaya. Síndrome de Burnout en colaboradores de tres Municipalidades Distritales de la Ciudad de Arequipa, Perú. **Revista Interamericana de Psicología Ocupacional**, v. 37, n. 2, p. 107-118, 2019.

CHACALTANA LINARES, K. C.; ROJAS CAMA, L. F. Persistencia del síndrome burnout en internos de medicina en hospitales de Lima, Perú (año 2018). **Revista investigación en educación médica**, v. 8, n. 32, p. 9-15, 2019.

CHAVES AZEVEDO DE SOUZA, Marina Batista; HELAL, Diogo Henrique; MARTINS DE PAIVA, Kely César. Análise descritiva das dimensões do burnout: um estudo com jovens trabalhadores. **Brazilian Journal of Occupational Therapy/Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 4, 2019.

DE SOUZA PEREIRA, S.; RICARTE, G. S.; DA SILVA, M. M.; MORERO, J. A. P.; PRETO, V. A.; CARDOSO, L. OS preditores da síndrome de burnout em profissionais de saúde dos serviços emergenciais. Os preditores da síndrome de burnout em profissionais de saúde dos serviços emergenciais. **Revista Eixos Tech**, v. 5, n. 1, 2018.

FERNANDES, L.S.; NITSCHKE, M.J.T.; GODOY, I. Associação entre síndrome de burnout, uso prejudicial de álcool e tabagismo na enfermagem nas UTIs de um hospital universitário. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n.1, p.203-214, 2018.

GIL-MONTE, P. R.; CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Prevalence of burnout in a sample of Brazilian teachers. **The European Journal of Psychiatry**, v. 25, n. 4, p. 205-212, 2011.

GONÇALES, Crichtna Aguiar; GONÇALES, Relber Aguiar. Síndrome de Burnout: causas e consequências em diversos profissionais. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 49-65, 2017.

KOLLMANN, Tobias; STÖCKMANN, Christoph; KENSBOCK, Julia M. I can't get no sleep—The differential impact of entrepreneurial stressors on work-home interference and insomnia among experienced versus novice entrepreneurs. **Journal of Business Venturing**, v. 34, n. 4, p. 692-708, 2019.

KRAMER, Amit; KRAMER, Karen Z. The potential impact of the Covid-19 pandemic on occupational status, work from home, and occupational mobility. v. 119, **Journal of Vocational Behavior**, v. 119, 2020.

LIMA, F. R. B.; LIMA, D. L. P.; OLIVEIRA, A. A. R.; FERREIRA, E. O.; NETO, P. P. Identificação preliminar da síndrome de burnout em policiais militares. **Motricidade**, v. 14, n. 1, p. 150-156, 2018.

LIMA, Amanda de Souza; FARAH, Beatriz Francisco; BUSTAMANTE-TEIXEIRA, Maria Teresa. Análise da prevalência da síndrome de burnout em profissionais da atenção primária em saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16, n. 1, p. 283-304, 2018.

MASLACH, C. JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. **Journal of organizational behavior**, v. 2, n. 2, p. 99-113, 1981.

MASLACH, C.; LEITER, M. P. Understanding the burnout experience: recent research and its implications for psychiatry. **World Psychiatry**, v. 15, n. 2, p. 103–111, 2016.

MASLACH, C.; SCHAUFELI, W. B.; LEITER, M. P. Job burnout. **Annual review of psychology**, v. 52, n. 1, p. 397-422, 2001.

MIRANDA, S.A.I. Síndrome del “burnout” en personal de salud de un centro hospitalario de la dirección distrital Junín-Bolívar. **Revista San Gregorio**, n. 35, p.94-107, 2019.

MORGENSTERN, E.; SANTOS, D. L. T. A IMPOSIÇÃO DO HOME OFFICE E SUAS CONSEQUÊNCIAS TRABALHISTAS. **Memorial TCC Caderno da Graduação**, v. 2, n. 1, p. 11-24, 2016.

NAVARRO-GONZÁLEZ, David; AYECHU-DÍAZ, A.; HUARTE-LABIANO, I. Prevalencia del síndrome del burnout y factores asociados a dicho síndrome en los profesionales sanitarios de Atención Primaria. **SEMERGEN-Medicina de Familia**, v. 41, n. 4, p. 191-198, 2015.

NOGUEIRA, L.S. et al. Burnout e ambiente de trabalho de enfermeiros em instituições públicas de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.71, n.2, p.358-365, 2018.

OLIVEIRA, Elias Barbosa; Cristiane Helena GALLASCH; Pedro Paulo Alves da SILVA JUNIOR; Alexia Vidal Rodrigues OLIVEIRA; Raphael Lopes VALÉRIO; Lucas Barbosa Santos DIAS. Estresse ocupacional e burnout em enfermeiros de um serviço de emergência: a organização do trabalho. **Rev enferm UERJ**, v. 25, p. e28842, 2017.

WORD HEALTH ORGANIZATION – OMS. **Statement on the second meeting of the International Health Regulations** (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV). Disponível em: [https://www.who.int/news-room/detail/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/news-room/detail/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov)). Acesso em: 24 de abr. 2020.

MIRANDA, S. A. I. Síndrome del “Burnout” en personal de salud de un centro hospitalario de la dirección distrital Junín-Bolívar. **Revista San Gregorio**, n. 35, p. 94-107, 2019.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**, n. AHEAD, 2020.

PALACIOS-NAVA, M. E.; PAZ ROMÁN, M. P. Diferencia en las condiciones de trabajo y su asociación con la frecuencia de burnout en médicos residentes y adjuntos. **Medicina y Seguridad del Trabajo**, v. 65, n. 255, p. 76-86, 2019.

PANTOJA, F.G.B. Avaliação do burnout em trabalhadores de um hospital universitário do município de Belém (PA). **Saúde em Debate**, v.41, n.especial, p.200-214, 2017.

PORCIUNCULA, A.M.; VENÂNCIO, S.A.; SILVA, C.M.F.P. Síndrome de Burnout em gerentes da Estratégia de Saúde da Família. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1555-1566, 2020.

SÁ, A.M.S.; SILVA, P.O.M.; FUNCHAL, B. Burnout: o impacto da satisfação no trabalho em profissionais de enfermagem. **Psicologia e Sociedade**, v.26, n.3, p.664-674, 2014.

SAEIDI, R.; IZANLOO, A.; IZANLOU, S. A Study of the Relationship between Job Satisfaction and Burnout among Neonatal Intensive Care Unit Staff. **Iranian Journal of Neonatology**, v. 11, n. 1, p. 67-70, 2020.

SALGADO-ROA, J. A.; LERÍA-DULČÍČ, F. J. Burnout, satisfacción y calidad de vida laboral en funcionarios de la salud pública chilenos. **Universidad y Salud**, v. 22, n. 1, p. 6-16, 2020.

SAEIDI, R.; IZANLOO, A.; IZANLOU, S. A Study of the Relationship between Job Satisfaction and Burnout among Neonatal Intensive Care Unit Staff. **Iranian Journal of Neonatology**, n. 1, v. 11. p. 67-70, 2020.

SILVA, Leticia Oliveira et al. Síndrome de burnout em profissionais dos centros de atenção psicossocial: um estudo descritivo. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 85, n. 23, 2018.

SHOSHAN, H. N.; SONNENTAG, S. The effects of employee burnout on customers: An experimental approach. **Journal Work and Stress**, v. 34, n. 2, p. 127-147, 2020.

SOARES, D. S. et al. Influence of physical activity on military police officers' burnout. **Journal of Physical Education**, v. 30, p. 1-13, 2019.

SPONTÓN, C. et al. Medición del burnout: Estructura factorial, validez y confiabilidad en trabajadores argentinos. **Interdisciplinaria**, v. 36, n. 1, p. 87-103, 2019.

CAMPOS, H. **Estatística experimental não-paramétrica**. 4.ed. Piracicaba: ESALQ-USP, 1983. 350 p.

GREN S, B. SALDIND, N. J.; ANKEY, T. M. **Using SPSS for windows: analyzing and understand datas's**. 2a ed. New Jersey: Prentice Hall, 2000.

HAIR JR., J. F., BLACK, W. C., BARDIN, B. J., ANDERSON, R. E. **Multivariate Data Analysis**. 7th edition. Hellaby Hall: Pearson, 2014.

SIEGEL, S.; CASTELLAN JR., N. J. **Nonparametric statistics for the behavioral sciences**. 2nd ed. New York: McGraw-Hill, 1988. 399 p.

OLIVEIRA, Elias Barbosa de et al. Estresse ocupacional e burnout em enfermeiros de um serviço de emergência: a organização do trabalho. **Rev enferm UERJ**, v. 25, p. e28842, 2017.

SHAHSAVARANI, A. M.; ABADI, E; A. M.; KALKORAN, M. H. Stress: Facts and Theories through Literature Review. **International Journal of Medical Reviews**, n. 2, v. 1, p. 230-241, 2015.

SUÑER-SOLER, R.; GRAU-MARTÍN, A.; FLICHTENTREI, D.; PRATS, M.; BRAGA, F.; FONT-MAYOLAS, S. GRAS, M. E. The consequences of burnout syndrome among healthcare professionals in Spain and Spanish speaking Latin American countries. **Burnout research**, v. 1, n. 2, p. 82-89, 2014.

HUARCAYA-VICTORIA, Jeff; CALLE-GONZÁLES, Rosario. Influencia del síndrome de burnout y características sociodemográficas en los niveles de depresión de médicos residentes de un hospital general. **Educación Médica**, 2020.

ROY, D.; TRIPATHY, S.; KAR, S. K.; SHARMA, N.; VERMA, S. K.; KAUSHAI, V. Study of knowledge, attitude, anxiety & perceived mental healthcare need in Indian population during COVID-19 pandemic. **Asian Journal of Psychiatry**, p. 102083, 2020.

LU, WEN.; WANG, H.; LIN, Y.; LI, L. Psychological status of medical workforce during the COVID-19 pandemic: A cross-sectional study. **Psychiatry research**, p. 112936, 2020.

RANA, W.; MUKHTAR, S.; MUKHTAR, S. Mental health of medical workers in Pakistan during the pandemic COVID-19 outbreak. **Asian journal of psychiatry**, v. 51, p. 102080, 2020.

YEKTATALAB, Shahrzad; HONARMANDNEJAD, Khadijeh; JANGHORBAN, Roksana. Relationship between occupational burnout and demographic variables among nurses in Jahrom, Iran. **Pan African Medical Journal**, v. 34, n. 22, 2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

MATHERS, N., FOX, N.; HUNN, A. **Survey and questionnaires**. The NIHR RDS for East Midlands, Nottingham, 2009.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. Baptista. **Metodología de la investigación**. México: McGraw-Hill, 2006.

VAZQUEZ, A. C. S., Santos, A. S., Costa, P. V., Freitas, C. P. P., Witte, H., & Schaufeli, W. B.. Trabalho e Bem-Estar: Evidências da Relação entre Burnout e Satisfação de Vida. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 18, n. 4, p. 372-381, 2019.

VERGARA, Sylvia Constant. **Tipos de pesquisa em administração**. 1990.